



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **12/08/2018**

Aprovado em: **12/08/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.13.02>

BIBLIOTECA ESCOLAR: PARA ALÉM DE ESPAÇO FÍSICO, UM AGENTE DE APRENDIZAGEM

EIXO: 13. CURRÍCULO ESCOLAR, GESTÃO, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

ALEXSANDRO VIEIRA PESSOA, JÂNIO NUNES DOS SANTOS

RESUMO

O presente trabalho pretende discutir, a partir de revisão bibliográfica e abordagem qualitativa, a função da biblioteca escolar frente ao desenvolvimento informacional, bem como as mudanças que esse novo paradigma trouxe à instância educativa. A discussão sobre o caráter pedagógico formativo das bibliotecas escolares passou a ganhar fôlego no Brasil apenas nos últimos anos. Entende-se que a maneira tradicional de se considerar as bibliotecas, atentando apenas para o seu caráter físico, conforma uma perspectiva de atraso em relação à atual compreensão das potências da biblioteca escolar, enquanto colaboradora da aprendizagem. Advoga-se, pois, a necessidade urgente de articulação entre a instituição escolar e sua biblioteca para o desenvolvimento informacional dos alunos, tendo em vista um processo formativo mais amplo com o gerenciamento e uso da informação no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Informação. Letramento Informacional.

ABSTRACT

The present work intends to discuss, from a bibliographical review and qualitative approach, the function of the school library in front of the informational development, as well as the changes that this new paradigm brought to the educational instance. The discussion about the formative pedagogical character of school libraries started to gain a foothold in Brazil only in recent years. It is understood that the traditional way of considering libraries, considering only their physical character, forms a perspective of delay in relation to the current understanding of the powers of the school library, as a collaborator of learning. It is advocated, therefore, the urgent need for articulation between the school institution and its library for the informational development of students, in view of a broader formative process with the management and use of information in the teaching-learning process.

Key words: School library. Information. Information Literacy.

RESUMEN

El presente trabajo pretende discutir, a partir de revisión bibliográfica y abordaje cualitativo, la función de la biblioteca escolar frente al desarrollo informacional, así como los cambios que ese nuevo paradigma trajo a la instancia educativa. La discusión sobre el carácter pedagógico formativo de las bibliotecas escolares pasó a ganar aliento en Brasil sólo en los últimos años. Se entiende que la manera tradicional de considerar las bibliotecas, atentando sólo para su carácter físico, conforma una perspectiva de atraso en relación a la actual comprensión de las potencias de la biblioteca escolar, como colaboradora del aprendizaje. Se aboga, pues, la necesidad urgente de articulación entre la institución escolar y su biblioteca para el desarrollo informacional de los alumnos, teniendo en vista un proceso formativo más amplio con la gestión y uso de la información en el proceso de enseñanza-aprendizaje.

Palabras clave: Biblioteca escolar. Información. Alfabetismo Informacional.

1 Introdução

As novas tecnologias informacionais trouxeram mudanças fundamentais para os processos educativos, requerendo novas habilidades por parte dos indivíduos no tocante ao tipo de formação educacional e profissional desenvolvida nas instituições formais de ensino. Neste cenário tecnológico, a informação passa a ser uma moeda de valor, ao que Castells (1999) denominou de “capitalismo informacional”, dada a posição que a informação e o conhecimento passam a ocupar. Dudziak (2003, p. 23) acrescenta que “a informação passou a ser reconhecida como elemento chave em todos os

segmentos da sociedade. Tal é sua importância que se manter informado tornou-se indicador incontestável de atualidade e sintonia com o mundo”.

Esse dinamismo que marca o atual fluxo de informação social aponta para um novo tipo de sociedade, caracterizada pela produção e transmissão contínua de informações, introduzindo um novo paradigma, como bem sugere Hargreaves (2003, p. 33) ao descrever a “sociedade da informação” como espaço “onde o conhecimento é um recurso flexível, fluido, sempre em expansão e em mudança” e que, como dito antes, conseqüentemente impõe novas necessidades aos indivíduos, dado o constante desenvolvimento das tecnologias e das informações (COUTINHO; LISBÔA, 2011). Nesse sentido, Leite (2016, p. 120) acrescenta que “As bibliotecas escolares estão, então, como todas as outras bibliotecas e unidades de informação, passando pela mudança de paradigma advinda das transformações tecnológicas que se acentuaram principalmente a partir dos anos 2000”.

Assim, novas demandas formativas surgem como reflexo desse cenário tecnológico e informacional. Em virtude da facilidade de acesso e de produção de informações que passa a ser quase constante, torna-se imprescindível que as bibliotecas escolares repensem sua funcionalidade, ultrapassando a perspectiva meramente estrutural. Dessa forma, quando são lembradas apenas como parte física da escola, ou mesmo quando são resumidas a um local de incentivo à leitura, a biblioteca fica aquém de seu verdadeiro potencial, qual seja, de ser reconhecida como lócus de aprendizagem e de construção de habilidades e competências. Nessa perspectiva, Balça e Fonseca (2012, p. 66-67) acrescentam: “Nesta sociedade da informação, a modificação dos paradigmas de ensino tem vindo a contribuir para um maior reconhecimento do papel das Bibliotecas Escolares enquanto centros de recursos e espaços inovadores de aprendizagem no interior dos estabelecimentos de ensino”.

Neste contexto, surge o conceito de letramento informacional (*Information Literacy*) como processo formativo, com vista a corresponder à demanda de consumo de informações e de busca por conhecimento. Este conceito foi utilizado pela primeira vez na década de 70, nos Estados Unidos, conforme, expõe Gasque (2002, p. 26):

Em 1974, a expressão *information literacy* foi cunhada pelo bibliotecário americano Paul Zurkowski e mencionada no relatório intitulado *The information service environment relationships and priorities*. O documento propôs a adoção, em âmbito estadunidense, do letramento informacional como ferramenta de acesso à informação.

Entretanto, compreende-se que mesmo havendo estudos em âmbito internacional sobre o caráter pedagógico formativo das bibliotecas escolares desde a década de 1970, a discussão passou a ganhar fôlego no Brasil apenas nos últimos anos, de modo que a prática ainda é incipiente pela ausência de bibliotecas minimamente estruturadas nas escolas de educação básica, como também ainda é rara a figura do profissional da informação nesses espaços. Cabe salientar que várias compreensões acerca do conceito de letramento informacional foram se constituindo a partir da tradução do termo *information literacy*, embora se referindo a “eventos distintos” (GASQUE, 2002, p. 29).

Assim, posto este contexto, pretende-se neste trabalho, ainda que brevemente, lançar um olhar para a função da biblioteca escolar frente ao desenvolvimento informacional, bem como sobre as mudanças que este novo paradigma trouxe para essa instância educativa, considerando a biblioteca escolar enquanto item do cenário educacional brasileiro que sofre a distorção entre discurso e prática, como destaca Silva (2012, p. 49):

O primeiro problema da biblioteca escolar no Brasil atenta para um termo bastante polêmico: existência. Embora seja comum o uso do termo biblioteca

escolar no Brasil para se referir a espaços com livros e estantes nas escolas. Na prática, essa composição está distante do discurso articulado pelos estudiosos.

Compreende-se que a maneira tradicional de considerar as bibliotecas, a partir de um ângulo mais restrito ao seu espaço físico, conforma uma perspectiva de atraso em relação ao atual entendimento das potências da biblioteca escolar, enquanto colaboradora da aprendizagem. No estudo dessas relações, foi utilizada pesquisa bibliográfica, que se construiu, principalmente, a partir das leituras realizadas na disciplina *Letramento Informacional na Educação Básica*, ofertada no curso de mestrado de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, da qual turma fizeram parte os autores deste trabalho.

Desta forma, fundamentados em autores como Campello (2016; 2018), Coutinho (2011), Dudziak (2003), Fialho (2014), Gasque (2012), Soares (2006), entre outros, aborda-se, num primeiro momento, o conceito de letramento informacional e seus desdobramentos, considerando as repercussões que este conceito traz para o processo educacional e o tipo de formação que se objetiva.

Em seguida, discute-se a noção distorcida que hoje se apresenta sobre a biblioteca, quando esta é reconhecida apenas enquanto espaço físico (sala com livros), ou ainda, subutilizada para finalidades diversas, que fogem de seu real objetivo, restringindo, com isso, suas potencialidades para a aprendizagem. Posteriormente, aborda-se uma perspectiva mais ampla de uso da biblioteca escolar, quando esta é pensada enquanto agente de aprendizagem, superando a noção de mero espaço físico e apreendendo a inclusão da biblioteca na rotina de ensino e na dinâmica escolar.

Por fim, aponta-se para a importância de ultrapassar a visão das bibliotecas apenas enquanto ambientes comuns para armazenamento de livros, bem como para a necessidade de investir na estrutura e nos profissionais das bibliotecas para que a implementação do letramento informacional e da aprendizagem se tornem mais efetivas. Reitera-se, portanto, que a biblioteca seja vista como agente de aprendizagem.

2 Letramento Informacional

Em um mundo globalizado, que apresenta um dinâmico processo de produção e disseminação constante de informações, algumas necessidades educacionais passam a surgir no que se refere ao trato com o grande fluxo de informações, uma vez que as tecnologias e a *internet* passam a possibilitar aos indivíduos que estejam continuamente expostos a fontes de conhecimento e conteúdos diversos.

Neste cenário é que surge a necessidade do letramento informacional (LI), trazendo por sua vez reflexos aos processos educacionais, que passam a pensar numa formação mais ampla que contemple também as necessidades informacionais que advém da sociedade de aprendizagem, conforme apontamentos de Pozo (2004). Essas demandas formativas passam a refletir no espaço escolar, criando novos desafios concernentes às capacidades a serem desenvolvidas pelos indivíduos no processo de aprendizagem, que segundo Gasque (2012), define-se em aprender a adaptar-se num mundo informacional, bem como em socializar nele.

Nesta abordagem, o LI vai propor uma aprendizagem que ultrapassa os anos escolares, bem como uma noção estática de aprendizagem, fixada apenas no espaço escolar, conforme acrescenta Gasque (2012, p. 38): “O letramento informacional é um processo de aprendizagem, compreendido como ação contínua e prolongada, que ocorre ao longo da vida”. Introduce-se, com isso, uma perspectiva de aprendizagem que se desenvolve paralelamente com vida, e não desassociada da

mesma, sendo mediada pelas tecnologias da informação e proporcionando aos indivíduos a imersão na cultura digital.

Nesse processo de imersão informacional que se vive, torna-se fundamental a habilidade de saber tratar com as informações, como acrescenta Silva e Vilela (2016, p. 208):

o papel do letramento informacional é fundamental para que o aluno consiga discernir, em meio ao mar de informações disponíveis na rede, quais são confiáveis e quais são descartáveis, transformando-as em real conhecimento, agregando valor à sua bagagem e não apenas enchendo a memória de lixo digital.

Contrapõe-se assim, a ideia de mera assimilação de conteúdos. O letramento informacional, contudo, na grande maioria das vezes, não faz parte do cotidiano dos alunos, sendo uma realidade distante para muitos indivíduos, dificultando o desenvolvimento de interesse e, conseqüentemente, de aprendizagem por parte dos alunos. Sobre isso, Gasque (2012, p. 18) ainda afirma: “Em geral, os aprendizes não são formados para buscar informações em fontes diversificadas, comparar diferentes pontos de vistas, adotar critérios para avaliá-las ou organizar e analisar as informações”.

A necessidade de uma formação mais ampla, que contemple essas capacidades, aponta diretamente para o próprio desenvolvimento do indivíduo no meio social, considerando que o trato com as informações passa a ser requisito sobre esse *ser social* enquanto inserido num mercado de trabalho globalizado e altamente tecnológico, conseqüentemente ressaltando com isso, os impactos econômicos que o letramento informacional pode ocasionar.

Nesse sentido, Zinn e Gasque (2017, p. 171) acrescentam que “na sociedade contemporânea, o sucesso pessoal e profissional dos indivíduos, bem como o desenvolvimento social e a redução das desigualdades estão diretamente ligados à equidade de oportunidades de acesso à educação”, associando com isso as demandas da vida social contemporânea e o caminho formativo vivenciado na escola, como também contribui Teixeira e Santos (2016, p. 20):

vale salientar que a informação está ligada a todos os setores que envolvem a sociedade, e afeta direta ou indiretamente o cotidiano e o modo de agir dos indivíduos. Na atualidade, a pessoa que consegue produzir e usar a informação de forma crítica e reflexiva será útil e valorizada no meio social e profissional a que está inserida.

O letramento informacional configura-se, a partir disso, numa demanda altamente necessária ao próprio desenvolvimento dos indivíduos, enquanto inseridos numa sociedade que cada vez mais valoriza a informação e que requer dos indivíduos as competências de saber “localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas” (GASQUE, 2012, p.28). De acordo com Fialho e Andrade (2007, p. 20), este processo denominar-se-ia também de “comportamento informacional”, um requisito que, por sua vez, seria necessário para vários momentos da vida hodierna.

Nesse cenário, as instâncias educacionais passam a ser mobilizadas a repensar a formação que se objetiva, considerando a importância que este tema do letramento informacional vem tomando no âmbito educacional. No bojo dessas relações, destaca-se ainda a biblioteca escolar, objeto deste estudo, ressaltando-se o papel que estas podem desempenhar no processo de aprendizagem, quando utilizadas numa perspectiva mais ampla, como será abordado posteriormente.

3 A escola tem biblioteca

Aparentemente, essa pergunta facilmente será respondida em apenas apreciar-se o texto da Lei 1.244/10 que determina que todas as escolas públicas e particulares devem possuir uma biblioteca. Entretanto, uma aproximação à rotina escolar e seus projetos políticos pedagógicos pode demonstrar a superficialidade e fragilidade desta primeira impressão.

Considera-se que o fato de espaços físicos com estantes e livros serem assim denominados, ou seja, existir uma estrutura reconhecida, não significa em efetivo que se possui uma biblioteca escolar, já que no cotidiano das escolas esses mesmos espaços são utilizados sem o devido aproveitamento de suas potencialidades e em distinção à ideia de lugar de aprendizagem, como demonstrado nos trabalhos de Alcântara (2013), Campello (2009) e Silva (2012). Indica-se, portanto, que a presença ou não de bibliotecas escolares trata-se de uma questão mais complexa, uma vez que a mera estruturação de uma sala e uso da nomenclatura ideal não representam, em eficiência, o exercício adequado das capacidades da biblioteca.

Logo, essa pergunta revela um terreno de tensões, ao considerar-se que, embora haja uma política definida de inclusão de bibliotecas nas instituições escolares, ainda impera uma noção frágil de sua efetividade quanto à aprendizagem, sendo caracterizada em variados momentos apenas como lócus de leitura e de pesquisa, e isso na melhor das hipóteses, uma vez que, não raramente, pode ser utilizada para atividades diversas à sua finalidade, como demonstra Costa (2013, p. 30):

A atual situação das bibliotecas escolares, principalmente das escolas da rede pública, é complexa e demanda maior conscientização e investimentos por apresentar carência de recursos humanos e materiais. A maioria funciona com o trabalho de professores readaptados, que não possuem conhecimento específico para administrar uma biblioteca e lidar com os usuários. Muitas vezes, a biblioteca escolar é vista apenas como um local de punições e/ou cópia de trechos de livros.

Este *desuso* da biblioteca escolar configura uma crise de identidade sobre qual seria realmente o papel da biblioteca enquanto componente da escola e colaboradora da atividade pedagógica, como será abordado posteriormente, uma vez que a mesma em tantos momentos é subutilizada em detrimento da produção de conhecimento, como acrescenta Silva (2012, p. 50):

Na verdade, ocorre um desvirtuamento prático do caráter semântico da biblioteca escolar, uma vez que no discurso as condições aparentam ser promissoras, mas na prática é possível observar os problemas inerentes à biblioteca escolar. O potencial envolve apenas perspectivas teóricas e discursivas para a biblioteca escolar. Isso significa dizer que a biblioteca escolar no Brasil apresenta um caráter normativo em que se afirma o que deve ser, mas de fato não é.

Tal diagnóstico aponta para a necessidade de se repensar a biblioteca escolar na perspectiva da sociedade da informação, que demanda a aquisição de habilidades e competências pertinentes ao letramento informacional. Faz-se necessário, desse modo, superar as concepções estruturalistas da biblioteca, nas quais ela se torna resumida a estantes, livros e computadores, sendo desassociada do processo de aprendizagem e da parceria na ação docente. Conforme Teixeira e Santos (2016, p. 15):

Diante dessa constatação, infelizmente, certifica-se ainda que muitas escolas

determinam a função da biblioteca como somente um local onde se armazenam livros, ou consideram-na como um depósito deles onde os alunos fazem leituras e pesquisas sem a parceria do mediador de tantas fontes de informações - o bibliotecário.

Destaca-se com isso, outro agravante para o funcionamento educativo/formativo da biblioteca: a readaptação de professores como bibliotecários. Como já exposto por Costa (2013), nesse caso, desconsidera-se a necessidade de uma formação específica para o desempenho devido das funções de bibliotecário, em especial quanto a orientações de usuários e a consequente colaboração na formação de indivíduos aptos para gerenciar as informações e o acesso a elas. Nessa perspectiva, demonstra-se uma incompreensão da real função do bibliotecário, enquanto mediador de informações, comprometendo o processo de letramento informacional e defasando o processo formativo dos alunos pela incompreensão do papel da biblioteca e do bibliotecário dentro da escola.

Vale ressaltar a necessidade de articulação entre a instituição escolar e sua biblioteca, tendo em vista um processo formativo mais amplo, que contemple as demandas sociais quanto ao gerenciamento de informações, inserindo-se, para tanto, a biblioteca/bibliotecário no cotidiano escolar e no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, introduzindo-se o letramento informacional na rotina escolar, “a começar pela participação na construção e atualização do Projeto Político-Pedagógico da escola” (AGUIAR; DUARTE, 2017, p. 51).

Essa construção do projeto político-pedagógico bem articulada torna-se o ponto de partida para uma perspectiva mais efetiva de biblioteca, ativa no cotidiano escolar e que trabalha em parceria com os professores no processo de ensino-aprendizagem, reconhecendo com isso, a biblioteca como órgão fundamental para esse novo processo formativo que considera as demandas informacionais. Dessa forma, aponta-se para uma prática pedagógica advinda da soma entre professores e bibliotecários que, por sua vez, proporciona aos alunos uma formação mais ampla, já que estes profissionais se complementam em suas atividades, tornando o processo de ensino-aprendizagem ainda mais enriquecedor. (SANTOS; SILVA, 2016).

Nesta perspectiva, abordar-se no próximo tópico uma perspectiva mais ampla quanto a biblioteca, procurando percebê-la para além de um espaço físico, mas como um lócus de aprendizagem, que tem muito a contribuir para o processo educativo, principalmente no que toca uma formação que objetiva o letramento informacional.

4 A biblioteca escolar como agente de aprendizagem

Como já mencionado, a sociedade do conhecimento põe em voga a urgência de formar sujeitos competentes informacionalmente e por extensão, sujeitos críticos que aprendam a aprender num processo que se estenda por toda a vida. Conhecer pressupõe, nestes moldes, saber lidar com a informação, selecioná-la e utilizá-la adequadamente frente às necessidades que o momento atual exige. Por isso, a escola, enquanto instituição historicamente monopolizadora e difusora do conhecimento produzido, necessita reconhecer que a informação se expandiu com a afirmação das tecnologias de informação e comunicação.

Mais que isso, necessita repensar o papel da biblioteca escolar para concebê-la como agente de aprendizagem, pois nessa perspectiva “aprender a aprender é o valor central apresentado pela teoria da competência informacional, um conjunto de habilidades e requerimentos essenciais para promover o uso eficiente e eficaz da informação dentro e fora do ambiente escolar, que inclui o aprendizado ao longo da vida” (FIALHO; GASQUE, 2014, n.p.), ou ainda, como também acrescenta Sant’ Ana e Santana (2016, p. 389): “No mundo tecnológico em que vivemos, a biblioteca escolar se tornou espaço essencial para a formação de competências para o acesso e uso eficaz da informação”.

Desse modo, a urgência de promover o letramento informacional, perpassa o letramento escolar defendido por Soares (2006) como o domínio das tecnologias de leitura e escrita nos usos sociais, para vislumbrar o letramento que visa à “emancipação política, incluindo o valor da informação para a cidadania” (DUDZIAK, 2003, p. 24).

Formar leitores é uma tarefa eminentemente da escola que, para além de seus muros, necessita formar leitores para a vida, para exercer a cidadania. Leitores com consciência crítica. Porém, mesmo com o alargamento do discurso sobre o letramento e a formação de sujeitos leitores e letrados, a escola tem se furtado a pensar a biblioteca como espaço pedagógico de aprendizagem e de letramento, ao que Gasque (2012, p. 18) afirma: “No Brasil, as escolas em geral não formam bons leitores e produtores de textos. Evidentemente, a ausência dessas competências causa déficit importante na aprendizagem”.

Fialho e Gasque (2014) esclarecem que a mudança do pensamento escolar em relação ao letramento informacional tem sido o grande desafio enfrentado nas/pelas escolas para implementar os princípios de formação com base na busca e no acesso à informação, no uso de tais informações para a resolução de problemas, no processo investigativo, no aprendizado independente, assim como no aprendizado ao longo da vida, na emancipação política e cidadã.

Gasque (2012, p. 39) aponta para a necessidade de se considerar as cinco questões que endossam a dificuldade de implementação do letramento informacional no cenário escolar, quais sejam: “1. dificuldade em mudar a cultura pedagógica, 2. formação inadequada dos professores, 3. concepção de ensino-aprendizagem, 4. organização do currículo e 5. ausência de infraestrutura adequada de informação”.

Nesse sentido, são lançados novos olhares sobre a biblioteca escolar, sendo pensada como agente de aprendizagem e sua matéria prima deixa de ser os livros em si, passando a ser os alunos (ALCNTARA, 2013). Esse olhar teve impulso com o estudo realizado em Ohio, nos EUA, que segundo Todd e Kuhthau, citados por Fialho e Gasque (2014, n.p.) “demonstrou que a biblioteca escolar auxilia os estudantes com seus interesses de leitura de diversas maneiras... quando a leitura é um hábito divertido e desfrutável”, sobretudo.

No relevo do que elenca Dudziak (2003) a respeito da evolução do Letramento Informacional nos EUA com relação à visão que se estabelecera sobre a biblioteca e sobre o bibliotecário, é oportuno considerar as três concepções de letramento informacional, as quais determinam sua complexidade e o tipo de biblioteca e de bibliotecário dos quais se está a falar: a concepção de informação (com ênfase na tecnologia da informação); a concepção cognitiva (com ênfase nos processos cognitivos); a concepção da inteligência (com ênfase no aprendizado).

Diante disso, conforme Dudziak (2003, p. 30), o letramento informacional com ênfase na tecnologia da informação “prioriza a abordagem do ponto de vista dos sistemas” e por isso “a biblioteca aparece como suporte ao ensino/pesquisa e proporciona o acesso físico à informação organizada”. O bibliotecário, por sua vez, “assume o papel de intermediário da informação”. Quando dá ênfase aos processos cognitivos, “o foco está no indivíduo, em seus processos de compreensão da informação e seus usos em situações particulares”, concebendo-se a biblioteca como espaço de aprendizado e o bibliotecário como gestor e mediador do conhecimento. Já a ênfase dada ao aprendizado ao longo da vida pressupõe o “aprendizado como fenômeno social” e, neste cenário, “a biblioteca aparece como um espaço de expressão do sujeito, e o profissional da informação transforma-se em agente educacional” (Ibid., p. 30).

Biblioteca e bibliotecário tornaram-se peças fundamentais para o letramento informacional no contexto da escola, conforme pontua Fialho e Gasque (2014, n.p.) na referência ao impacto causado pelo estudo realizado em Ohio.

O estudo de Ohio, realizado com 13. 123 estudantes da educação básica nos Estados Unidos, demonstrou a real dimensão da importância da biblioteca, sobretudo quando se considera que o real bibliotecário é um mediador de informação, bem como assumiu uma função pedagógica: ensinar o uso das habilidades e competências informacionais aos estudantes. Tal estudo demonstrou a biblioteca como espaço de aprendizagem, através de três funções: informação, formação e transformação.

Por outro lado, a inserção do bibliotecário no contexto educacional nem sempre é um processo pacífico. Primeiro porque surgem olhares de estranhamentos entre professor e o profissional da informação, pois mesmo o bibliotecário possuindo status de educador, a escola não costuma o ver assim (DUDZIAK, 2003). Segundo, porque as escolas brasileiras de educação básica, em sua maioria, não possuem bibliotecas para acolher o bibliotecário, o que prejudica em muito o processo de letramento informacional dos alunos, fato endossado por Fialho e Gasque (2014, n.p.) ao afirmarem que “não é qualquer espaço, funcionando de qualquer maneira dentro da escola que poderá ser chamado de biblioteca”.

Nesse cenário conflituoso de ausência de bibliotecário na escola e presença de professores em ajuste funcional no posto de bibliotecário, Alcântara (2013) defende o caráter pedagógico de tal função, considerando as especificidades da biblioteca escolar na situação de Minas Gerais. Diante disso, a autora (2013, p. 78) defende a possibilidade de professores formados em licenciatura em Pedagogia ou Letras atuarem na biblioteconomia escolar, pois

[...] por um lado, aceitamos haver uma profissão que titule um profissional que trabalhe em bibliotecas, por outro lado, dada a complexidade da situação da política educacional estadual que não implementa esta obrigatoriedade às escolas e, muito mais ainda, pela especificidade da educação, defende-se como válido a atuação na Biblioteca Escolar de professores formados em Licenciatura em Pedagogia ou Letras, devido à necessidade da ludicidade e do trabalho com gêneros textuais que devem permear todo o trabalho do “Bibliotecário” de uma escola. Porém, não há dúvidas de que deve o poder público dotar estes de mais e melhores conhecimentos para trabalhar na Biblioteconomia, seja os conhecimentos do campo da Biblioteconomia, seja do campo da educação.

A esse respeito, Fialho e Gasque discutem, a partir do trabalho de Silveira (2010), a situação do Estado de Goiás, o qual vive uma situação de urgência no letramento informacional no âmbito da escolar devido à ausência do cargo de bibliotecário nas redes de ensino estadual e municipais. No caso goiano, dentre outras intervenções, “em 2009 foram criadas ações voltadas para a capacitação de professores dinamizadores de biblioteca, que deverias ser professores leitores, responsáveis por metodologias e ambientes propícios ao desenvolvimento do hábito da leitura nas bibliotecas/escolas”: eis que se engendra outro caso de “Bibliotecário” escolar nos moldes que Alcântara (2013) defende.

Em se tratando do espaço físico das bibliotecas escolares brasileiras, reconhece-se o caráter improvisado das mesmas, já que a maioria é montada em salas de aulas sem uso ou qualquer outro espaço que a escola disponha. O importante, como dito anteriormente, é que estas bibliotecas não sejam vistas como depósito para amontoar os materiais rejeitados pela escola, mas como um lugar de aprendizagem (CAMPELLO, 2016). Por outro lado, precisa também superar a preocupação somente como os aspectos administrativos e operacionais, já que “a consonância entre as atividades desenvolvidas pela biblioteca e os programas de ensino, pesquisa e extensão implementados pelas instituições educacionais é o fator que determina seu real sentido” (DUDZIAK, 2003, p. 33).

Para além de uma estrutura física deficiente, a biblioteca necessita se fazer viva na escola e para isso, deve extrapolar o seu espaço limite, fazendo-se presente nos acervos de classes, nos recantos de leituras, em materiais para professores expostos na sala do café, nos clubes de leitura que podem funcionar no pátio ou em outras dependências da instituição (CAMPELLO, 2016).

Por fim, depreende-se que “a chave para uma nova biblioteca implica na organização em redes” (DUDZIAK, 2003, p. 33) e que a biblioteca como agente de aprendizagem promove o letramento na medida em que democratiza o acesso à informação a partir da aprendizagem baseada no questionamento, pois como afirma Kuhlthau (1999, p. 9) “o processo de aprendizagem a partir de uma ampla variedade de fontes é o desafio crítico para as escolas na sociedade da informação”.

5 Considerações finais

Conforme foi observado no decorrer deste artigo, o cenário educacional brasileiro urge por mudança de posicionamento da escola em relação à biblioteca escolar, considerando a incipiência desta relação, para não dizer de sua ausência. É bem verdade que as escolas esbarram num grande entrave para a promoção do letramento informacional, conforme foi discutido, que é a falta de bibliotecas em suas dependências, trabalhando-se no limite, através de bibliotecas improvisadas nos escassos espaços que dispõem, as quais, muitas vezes, são denominadas de *sala de leitura*, dada a precariedade estrutural e de acervo, como também confirma Gasque (2012, p. 47):

Percebe-se que a leitura e pesquisa escolar têm se tornado o foco de trabalho das bibliotecas escolares, porém, na maior parte das vezes as bibliotecas não conseguem cumprir seus objetivos, em função principalmente da carência de recursos, de identidade e da falta de integração com o núcleo pedagógico, tornando-se meros apêndices nas escolas.

Dessa forma, o ideal seria haver em cada escola uma biblioteca bem estruturada e com acervo vasto e diversificado para que o aluno se sentisse convidado à leitura, à pesquisa e ao letramento como produto final e, ao mesmo tempo, em permanente construção.

Outro ponto de extrema importância centra-se na necessidade de profissionais da informação no interior das bibliotecas escolares, gerindo e impulsionando as pesquisas. Mais que isso, o bibliotecário enquanto profissional com formação para tal e em parceria com os professores torna a implementação do letramento informacional um tanto mais efetiva. Isto se justifica pela possibilidade de melhores direcionamentos aos alunos na busca pela informação que, de outro modo, podem sucumbir à velha e disseminada prática de pesquisa como cópia integral da informação, sem o processo de reflexão e refacção dos conteúdos por meio da síntese do aprendido.

Além do mais, a presença do bibliotecário no âmbito da biblioteca escolar diminui a prática, também recorrente, de alocar profissionais sem formação em Biblioteconomia para assumir tais postos, sobretudo os professores em processo de readaptação ou em fim de carreira. No entanto, devido à precarização nas políticas públicas, na maioria dos estados e municípios do Brasil, quando legitimada a necessidade deste profissional com formação específica, abre-se precedente para que professores assumam tal posto, em especial aqueles que tenham formação em Letras, Pedagogia ou que demonstrem afinidades para o trabalho em biblioteca escolar.

A exemplo disso, como discutido anteriormente, tem-se o Caso de Goiás, onde buscou-se formar professores dinamizadores para atuar nas bibliotecas escolares, mas esta foi uma política que sofreu descontinuidade, pois é visível a incipiente relevância com que se olha para as bibliotecas no país, sobretudo para a sua relação com a promoção do letramento informacional ainda na educação

básica.

Vale salientar, porém, que mesmo a escola possuindo biblioteca e bibliotecário não há garantia de um trabalho efetivo com vistas ao letramento desde que se perpetue a visão reducionista de biblioteca como espaço físico e bibliotecário como guardião de livros. Detentora de tais recursos, é preciso que a escola promova a parceria entre a sala de aula e a biblioteca, pois faz-se necessário que a biblioteca seja vista como agente de aprendizagem e esteja conectada ao currículo escolar e ao Projeto Político Pedagógico da instituição, numa interação contínua entre bibliotecários, professores e coordenadores, como também confirmam Teixeira e Santos (2016, p. 26):

Vale lembrar que a falta do bibliotecário na biblioteca compromete o sucesso do Letramento Escolar, uma vez que esse trabalho deve ser realizado em conjunto entre o bibliotecário, professores e coordenadores pedagógicos. Essa falta de entrosamento prejudica diretamente o aluno que perde a chance de adquirir conhecimento dentro de um contexto, prejudicando seu senso-crítico em relação às leituras realizadas.

Por fim, reforça-se que a discussão sobre letramento informacional no Brasil precisa ganhar corpo e ser intensificada, sobretudo na educação básica, pois o acesso à informação foi grandemente ampliado com a democratização das tecnologias da informação e comunicação que passou a ser um problema devido à falta de clareza e de critérios para a seleção de informações adequadas às diferentes situações. Assim, a biblioteca escolar é o agente de aprendizagem que precisa de reconhecimento da escola e da sociedade para a efetiva promoção do letramento informacional.

6 Referências

AGUIAR, Niliane Cunha; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. **A importância do projeto político-pedagógico para a legitimação da biblioteca escolar no Brasil**: reflexões teóricas e conceituais. In: Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib., João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 50-59, 2017. Disponível em: . Acesso em: 19 de jul. 2018.

ALCNTARA, Arminda Aurélia Rodrigues. **Biblioteca escolar**: Um espaço de aprendizagem. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2013. Disponível em: . Acesso em: 16 de jul. 2018.

BALÇA, ngela; FONSECA, Maria Adelina. Os docentes e a biblioteca escolar: uma relação necessária. **Revista Lusófona de Educação**, v. 20, n. 20, 2012. Disponível em: . Acesso em: 19 jul. 2018.

CAMPELLO, Bernadete (Coordenadora). **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: Parâmetros para bibliotecas escolares: Documento complementar 1: espaço físico/ Grupo de estudos em biblioteca escolar. Belo Horizonte: Escola de Ciências da Informação, 2016.

_____. **Letramento informacional no Brasil**: Práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: . Acesso em: 15 jul. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: Economia, sociedade e cultura. Vol. 1, Sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Jéssica Fernandes. **O papel da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem**. Monografia (Graduação em Biblioteconomia). Brasília: Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: . Acesso em: 15 jul. 2018.

COUTINHO, Clara Pereira; LISBOA, Eliana Santana. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. **Revista de Educação**, Vol. XVIII, nº 1, p. 5-22. 2011. Disponível em: . Acesso em: 16 jul. 2018.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. *Information literacy*: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

FIALHO, Janaina; GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional no contexto escolar**. In: SANTOS, Andréa Pereira dos (Org.). Letramento informacional: aspectos teórico-conceituais. Goiânia: CIAR/UFG, 2014. p. 37-50.

_____; ANDRADE, Maria Eugênia Albino. Comportamento informacional de crianças e

adolescentes: uma revisão da literatura estrangeira. In: **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 20-34, jan./abr.

2007. Disponível em: Acesso em: . Acesso em: 16 jul. 2018.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento Informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2012.

HARGREAVES, Andy. **O Ensino na Sociedade do Conhecimento**: a educação na era da insegurança. Coleção Currículo, Políticas e Práticas. Porto: Porto Editora, 2003.

KUHLTHAU, Carol Collier. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar**: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999, p. 9-14.

LEITE, Leonardo Ripoll Tavares. Biblioteca escolar como extensão do processo de ensino-aprendizagem: percepções da comunidade docente do colégio de aplicação da UFSC. In: **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 115-136, dez./mar., 2016. Disponível em: . Acesso em: 19 de jul. 2018.

POZO, Juan. **Aquisição de conhecimento**: quando a carne se faz verbo. Tradução de Antônio Feltrin. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Andréa Pereira dos; TEIXEIRA, Célia Araújo. A importância da leitura e da biblioteca no processo de Letramento Informacional. In: Gomes, Suely Henrique de Aquino; Santos, Andrea Pereira; Reis, Filipe; Oliveira, Frederico Ramo. **Letramento Informacional**: Educação para a informação – Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

SANTOS, Suely de oliveira; SILVA, Wellington ribeiro da. Letramento Informacional: o papel da biblioteca escolar no contexto da pesquisa na educação básica. In: Gomes, Suely Henrique de Aquino; Santos, Andrea Pereira; Reis, Filipe; Oliveira, Frederico Ramo. **Letramento Informacional**: Educação para a informação – Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2 ed., 11 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, Keyde Taisa da; VILELA, Benjamim Pereira. O letramento informacional: uma ferramenta para otimizar as potencialidades da cibercultura em sala de aula. In: Gomes, Suely Henrique de Aquino; Santos, Andrea Pereira; Reis, Filipe; Oliveira, Frederico Ramo. **Letramento Informacional**: Educação para a informação – Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. A biblioteca escolar em tempo de mudanças no Brasil: a contribuição da biblioteconomia a partir de uma identidade de projeto. In: **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 26, n. 2, p. 47-65, jul./dez. 2012. Disponível em: . Acesso em: 18 de jul. 2018.

ZINN, Alexandra César, GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. A construção de um programa de letramento informacional e arte educação. In: **RDBCI: Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, SP v.15 n.1 p. 171-188 jan./abr. 2017.

